

Sem medo de comparar



Paulo Henrique de Almeida

Superintendente de Planejamento Estratégico
do Estado da Bahia

Para alguns políticos só existe uma via para o desenvolvimento baiano: radicalizar a guerra fiscal para “atrair” qualquer indústria a qualquer custo. Como sabem que a guerra fiscal tende a se tornar um jogo de soma-zero, no qual o ganho de um Estado é o prejuízo do outro, levam sua tese às últimas consequências: para que a Bahia se desenvolva, é preciso que Pernambuco decresça. Um deputado federal deveria se preocupar com os efeitos perversos da guerra fiscal para a economia brasileira. Deveria pensar em como substituir esta guerra por uma política nacional de desenvolvimento equilibrado e integrado. Um candidato a estadista faria melhor se propusesse que a Bahia se desenvolvesse com Pernambuco e não contra.

O leitor deve se perguntar o porquê dessa preocupação obsessiva com a economia de nossos vizinhos. Por acaso será para distrair sua atenção da comparação entre o passado e o presente da economia baiana? Admitamos que a geração de empregos formais seja uma boa medida de comparação entre economias. Afinal, o crescimento do PIB ou a atração de indústrias devem ter como objetivo a criação de postos de trabalho e o incremento da renda.

Segundo a pesquisa Caged, do Ministério do Trabalho, o primeiro governo Souto/Borges (1995-1998) não criou empregos; ele destruiu postos de trabalho formais ao ritmo de 151 por mês. Ainda sob FHC, o governo Borges de 1999-2002 gerou uma média mensal de 1.696 postos. Souto, com Lula, entre 2003 e 2006, chegou aos 3.506. Wagner, até março de 2010, atingiu a média mensal de 5.168 empregos, quase 50% a mais em relação à taxa do governo passado.

Os fatos podem irritar seus adversários, mas o atual governo está melhor também na comparação com nossos supostos concorrentes. De 2007 a março de 2010, a Bahia governada por Jaques Wagner gerou 201.550 novos postos de trabalho, o que equivale a cerca de 70% dos 289.365 empregos criados por cearenses e pernambucanos juntos. Souto, em quatro anos, chegou a 60,7%. Como em 2010 a velocidade da expansão do emprego na Bahia tem superado a dos parceiros, esta diferença, pró-Wagner, também tende a crescer.